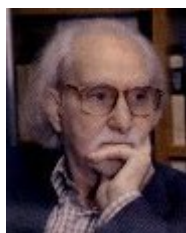


«Tribuna do Vate»



José Egito de Oliveira Gonçalves (Matosinhos, 8 de Abril de 1920 — Porto, 29 de Janeiro de 2001), mais conhecido por **Egito Gonçalves**, foi um poeta, editor e tradutor.

A sua intensa actividade de divulgação cultural e literária concretizou-se, a partir dos anos 50, na fundação e/ou direcção de diversas revistas literárias, como *A Serpente* (1951), *Arvore* (1952-54), *Notícias do Bloqueio* (1957-61), *Plano* (1965-68, publicada pelo Cineclube do Porto) e *Limiar*. Em 1977 foi-lhe atribuído o Prémio de Tradução Calouste Gulbenkian, da Academia das Ciências de Lisboa pela selecção de *Poemas da Resistência Chilena* e, em 1985, recebeu o Prémio Internacional Nicola Vapzarov, da União de Escritores Búlgaros.

Em 1995 obteve o Prémio de Poesia do Pen Clube, o Prémio Eça de Queirós e o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores com o livro *E No Entanto Move-se*. A sua obra encontra-se traduzida em francês, polaco, búlgaro, inglês, turco, romeno, catalão e castelhano.

Publicou os primeiros livros na década de 1950. Teve como actividade profissional a administração de uma editora.

Faleceu em 2001, e o seu último livro, *Entre Mim e a Minha Morte Há Ainda um Copo de Crepúsculo*, foi editado cinco anos depois.

Obras Publicas:

1950- Poema Para os Companheiros da Ilha, colecção Cítara; 1950 - Um Homem na Neblina, colecção Cítara - 1952- A Evasão Possível, colecção Cadernos das Nove Musas, desenho de Fernando Lanhas - 1957- O Vagabundo Decegado, edição Notícias do Bloqueio - 1958- A Viagem com o Teu Rosto, edição Europa-América, colecção Cancioneiro Geral - 1960- Memória de Setembro, edição Notícias do Bloqueio - 1962 - Diário Obsessivo, edição do autor, fora do mercado, desenho de Relógio - 1963- Os Arquivos do Silêncio, edição Portugalia, colecção Poetas de Hoje - 1970- O Fósforo na Palha seguido de O Sistema Interrogativo e outros poemas, edição Dom Quixote, colecção Cadernos de Poesia - 1971- O Amor Desagua em Delta, edição Inova, colecção Coroa da Terra - 1972- Meditação em Catarina, poster - 1972- Sonhar a Terra Livre e Insubmissa, com Luís Veiga Leitão e Papiniano Carlos, edição Inova, colecção Duas Horas de Leitura 1973- Destruição: Dois Pontos, edição Inova, colecção Índicios de Ouro, guaches de Armando Alves - 1975- Luz Vegetal, edição Limiar - 1977- As Zonas Quentes do Inverno, edição Inova, colecção O Ouro do Dia, desenho de José Rodrigues - 1979- A Nordeste de Junho, edição Inova, colecção O Ouro do Dia, desenho de Amadeu de Souza Cardoso - 1980- Poemas Políticos, edição Moraes, colecção Círculo de Poesia, prefácio de Maria da Glória Padrão ... De 1981 até 2006 são acrescidas, mais de uma dezena...

O TEU NOME É UM VOCÁBULO

O teu nome é um vocábulo
de amor, uma carícia
que a língua desenvolve.
Não o posso pronunciar
em voz alta
quando não estou só. As
respirações alheias
corrompem: poderia
dissolver-se no vento,
fragmentar-se
perder
o seu mistério indecifrável,
desviar
a flecha do seu alvo.
Pronuncio-o eliminando
o som, das duas sílabas
que rolam no meu corpo,
abrem os poros e,
pelos olhos,
enviam a mensagem necessária
ao suporte de Outubro.
Tudo canta, rodeando o silêncio,
a ligeira brisa que perfuma
as letras
quando passas a porta
e o teu sorriso doce
avança para mim
A garganta abre-se,
as sílabas esvoaçam, transformam
o espaço em música,
os acordes da água:
o meu corpo é agora um piano
onde a alegria abre
a felicidade, as suas asas.

Egito Gonçalves

Palavras

Com palavras me ergo em cada dia!
Com palavras lavo, nas manhãs, o rosto
e saio para a rua.
Com palavras - inaudíveis - grito
para rasgar os risos que nos cercam.
Ah!, de palavras estamos todos cheios.
Possuímos arquivos, sabemos-las de cor
em quatro ou cinco línguas.
Tomamo-las à noite em comprimidos
para dormir o cansaço.
As palavras embrulham-se na língua.
As mais puras transformam-se, violáceas,
roxas de silêncio. De que servem
asfixiadas em saliva, prisioneiras?
Possuímos, das palavras, as mais belas;
as que seivam o amor, a liberdade...
Engulo-as perguntando-me se um dia
as poderei navegar; se alguma vez
dilatarei o pulmão que as encerra.
Atravessa-nos um rio de palavras:
Com elas eu me deito, me levanto,
e faltam-me palavras para contar...

Égito Gonçalves (1922-2001)



Os Vegetantes

Continuam aqui
roendo as unhas
Substituem as unhas por poemas
(ou cafés, futebol, anedotário)
e estilham espelhos que na luz
ao seu devolvem a cruel imagem
Vidrado limo o rosto
de rugas sem memória
assistem à vida como um filme:
disparar sobre a tela é proibido
e além do mais inútil.
Curvam ao solo os ombros
escorjados; curvam-nos para
duradouras urtigas, seixos
sem horizontes, epitáfios
de lama, dezembros, poeira fria
Se chovem as esperanças não acorrem
a apanhá-las na boca ao ar aberto.
Tijolo articulado a língua balbucia
"É a vida!". Sementes violadas
não germinam
Em vão os bombardeiros os oráculos
com agulhas de sangue.
Nada tentam
para vida à fala que utilizam,
ao país do cansaço que entre dentes
ressaca.
E fazem do amor essa triste humidade,
um delíquio formal logo amortilhado
São docéis, cibernéticos,
dia a dia premiados
de alguns gramas a mais
no chumbo do pescoço.

Egito Gonçalves